

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**  
**LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**RAYANNE FERNANDES DE LACERDA**

**A COMPOSIÇÃO DO MITO DE INÊS DE CASTRO EM *OS LUSÍADAS***

**JOÃO PESSOA/PB**

**2018**

**RAYANNE FERNANDES DE LACERDA**

**A COMPOSIÇÃO DO MITO DE INÊS DE CASTRO EM OS LUSIADAS**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr.Hermano de França Rodrigues

**JOÃO PESSOA/PB  
2018**

**RAYANNE FERNANDES DE LACERDA**

**A COMPOSIÇÃO DO MITO DE INÊS DE CASTRO EM OS LUSÍADAS**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de Franca Rodrigues

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Hermano de Franca Rodrigues  
(Orientador)

---

Prof. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

---

Prof. Dra. Maria Bernardete da Nóbrega

---

Prof. Dra. Alyere Silva Farias

*Os bons vi sempre passar  
No mundo graves tormentos;  
E para mais me espantar  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.*

*Luís Vaz de Camões*

## **AGRADECIMENTOS**

Não seria honesto não reconhecer a grandiosidade deste momento único de minha vida acadêmica. Do mesmo modo eu estaria sendo injusta se atribuísse apenas a minha figura o resultado do meu sucesso. Assim reservo este espaço para agradecer imensamente a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que hoje eu esteja no último passo que me conduzirá a uma nova realidade.

Agradeço a minha mãe que sempre depositou confiança no meu potencial e me ajudou e continua a ajudar na minha vida profissional e pessoal.

Agradeço ao meu filho Heitor que no presente momento se encontra guardado e seguro no meu ventre, mas mesmo ainda não estando aqui neste mundo maravilhoso me dá forças para continuar minha trajetória acadêmica e eleva meus pensamentos a desejar um mundo melhor.

Agradeço ao meu esposo Jonathan que me acompanha desde sempre na minha caminhada e me auxilia em todas as horas.

Ao meu querido e saudoso amigo André que mesmo distante torce pelo meu sucesso. Quero que saibam o quanto ele me ajudou e o quanto aprendi com essa figura exemplar a quem Portugal tem o prazer de ter como morador.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Hermano Rodrigues pela paciência e a disponibilidade de tempo que comigo dispensou, orientando-me e conduzindo-me pelas veredas que comporiam o corpo deste trabalho.

E um agradecimento especial para a Prof. Dra. Luciana Deplagne que através de seu conhecimento me apresentou a história de Inês de Castro pela qual me identifiquei e me apaixonei.

## RESUMO

O episódio de Inês de Castro e D. Pedro I foi, sem dúvida, uma das histórias mais lindas e comovedoras da literatura portuguesa. Um romance anacrônico de dois jovens que se amaram incondicionalmente, numa época em que o casamento era apenas uma questão política, o que lhe ofertou aos amantes ódio, vingança e morte. A história desse lindo e verdadeiro amor converteu-se em criações de lendas e mitos excepcionais, que foram atraindo e arrebatando cada vez mais o público. O mito da donzela morta, que depois a fizeram rainha, perpetua-se cada vez, encantando e emocionando o povo até os dias de hoje. Assim o trabalho foi composto por três partes distintas: CAPÍTULO I, dedicado à *Teoria* - uma breve incursão nos mitos; CAPÍTULO II, ao qual resguardamos a associação entre *mito* e *história*; e o CAPÍTULO III - onde se plasma a análise do episódio de Inês de Castro, numa conexão entre o fantasioso e o real. O método utilizado para a elaboração deste trabalho foi bibliográfico, realizado a partir da análise de literaturas já existentes que abordam o tema. As fontes de pesquisa foram sites acadêmicos e livros. A conclusão a que chegamos é que a história de Inês de castro é um mito que vem, por séculos, sendo recontado e reformulado, de acordo, com a interpretação do leitor. Camões deu a essa trágica história o ar romântico ideário da época em que foi escrito e o imortalizou por outras nações através da epopéia de *Os Lusíadas* de 1572.

**Palavras-chave:** Inês de Castro; Os Lusíadas; Mito; Literatura Portuguesa

## ABSTRACT

The episode of Inês de Castro and D. Pedro I was without doubt one of the most beautiful and touching stories of Portuguese literature. An ANACHRONISTIC romance of two young men who are loved unconditionally, in an era in which the marriage was only a political issue and the end of this story were death, hatred and revenge. The history of this beautiful and true love became creations of legends and myths exceptional, which has been attracting and snatching increasingly the public. The myth of the damsel dead, who then made queen, perpetuates increasingly, enchanting and thrilling the people until the days of today. So the work was composed of three distinct parts: CHAPTER I - THEORY- a brief incursion of myths; CHAPTER II- theory about the association between myth and history; and CHAPTER III- History- a review of the episode of Inês de Castro, as Camões will interspersing the myth of history. The method used for the preparation of this work was performed from the bibliographic analysis of existing literatures that address the topic. The sources of study were academic websites and books. The conclusion reached is that the history of Inês de Castro is a myth that has for centuries been recounted and reworded, in accordance with the interpretation of the reader. Camões gave this tragic history the air romantic ideals of the era in which it was written and the immortalized by other nations through the epeopee of *Os Lusíadas* from 1572.

**Keyword:** Inês de Castro; Os Lusíadas; myth; Portuguese literature

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>7</b>
<b>3. CAPÍTULO I – O MITO .....</b>	<b>7</b>
<b>4. CAPITULO II – ASSOCIAÇÃO ENTRE MITO E HISTÓRIA.....</b>	<b>10</b>
4.1. O MITO ATRAVÉS DO TEMPO .....	11
<b>5. CAPÍTULO III - O EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO .....</b>	<b>13</b>
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>26</b>
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca mostrar o episódio que traz como protagonistas a jovem Inês de Castro e o Jovem Pedro. Uma história de amor que se transformou em mito. O presente trabalho propõe analisar o canto III, estrofes 118 a 135, escrito no livro *Os Lusíadas*<sup>1</sup>, no ano de 1572, por Luís Vaz de Camões, um dos poetas mais importantes da literatura portuguesa. O objetivo é empreender uma análise sobre o episódio de Inês de Castro, sobre a temática de A composição do mito de Inês de Castro em *Os Lusíadas*.

A estrutura deste trabalho foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo trata sobre o mito e suas definições. Assim, dando ênfase ao nosso capítulo, percebemos que o mito vem, por séculos, sendo estudado por diferentes correntes e abordagens. Dentre elas as mais discutidas e conhecidas são as correntes: naturalista de Max Müller; animista, primeiramente abordada por Edward P. Tylor; Escola Mito e Ritual, introduzida por Robertson Smith; Funcionalista, representada por Bronislaw Malinowski; antropológica e filosófica de Ernst Cassirer e Leslew Kolakowski; Estruturalista, nascida das idéias de Claude Lévi-Strauss e Roland Barthes; “Marxismo” estruturalista de Maurice Godelier; e Psicanalista, elaborada primeiramente por Sigmund Freud, e modificada e difundida posteriormente por Carl Gustav Jung e Erich Fromm.

No segundo capítulo, faremos uma associação entre mito e história. Inicialmente, podemos dizer que nosso primeiro contato com um mito se dá através de histórias fantásticas que nos prendem a atenção. O propósito do mito não é simplesmente contar uma história, ele nos propõe comportamentos. O capítulo ainda aborda como se dá a relação do homem com o mito em diferentes momentos da história.

O terceiro capítulo conta a história de Inês de Castro, iniciando com a história da família Castro e segue até seu envolvimento com Pedro. A família Castro fazia parte da alta nobreza e, como qualquer família da mesma classe, participava das revoltas partidaristas de Castela. No entanto, após ter seus bens confiscados por Fernando IV, rei de Castela, eles partiram para Portugal onde se estabeleceram. Inês de Castro era filha bastarda de Pero Fernandez de Castro e de Aldonza Soares de Valadares. Nascida na Galícia em 1320 ou 1325, tornou-se amante de D. Pedro, no entanto, nas condições em que ocorreu sua união com o

---

<sup>1</sup> *Os Lusíadas*” é uma epopeia do escritor português Luís Vaz de Camões. Considerado o maior poema épico da língua portuguesa, foi publicado em 1572, com o apoio do Rei D. Sebastião.



príncipe Ihe trouxe como consequência à morte. A última parte deste capítulo pretende analisar o episódio de Inês de Castro, como Camões vai intercalando o mito a história.

## 2. JUSTIFICATIVA

O *corpus* escolhido abrange segmentos enaltecendo para a história e cultura portuguesa. Composto no ano de 1572 por Luís Vaz de Camões, o episódio de Inês de Castro designa uma linda e comovente história de amor entre Pedro e Inês, que ganhou, em seu desenrolar, alguns mitos fantásticos, que vêm aflorando a imaginação do público até os dias de hoje. O episódio de Inês de Castro caracteriza uma triste realidade acerca de uma época politicamente severa em que existia uma ameaça à dignidade real e colocava em risco a continuação ao trono.

A escolha do tema se deu pela necessidade de que a comunidade tem para compreender os mitos e sua ligação com a história, como o mito surge. E a escolha do trecho dos Lusíadas: a composição do mito de Inês de Castro foi proposital, pois através dele pode-se identificar que as realidades sociais, no passado, ainda coincidem com fatos atuais, as relações de poder ainda são fortemente valorizadas.

## 3. CAPÍTULO I – O MITO

Certamente definir o mito é algo complexo, isso porque quando referimos à palavra mito, ela nos parece estar atrelada a fábulas, a coisas inexplicáveis e porque não dizer à mentira. Ainda há uma tendência que nos leva a pensar em mito apenas como sendo algo estreitamente ligado à Grécia Antiga.

A palavra mito tem origem na Grécia: *mythos*, que deriva do verbo *mytheio* (contar, narrar), *mytheo* (conversar, contar). Logo, para os gregos, o mito era um discurso proferido para ouvintes que confiam em que narra e, por isso, tomam como verdade. (SLAVUTZKY, p.190, 2002).

O mito é o meio utilizado para se narrar grandes histórias como, por exemplo, a origem do homem, do mundo, do fogo e, até mesmo, a história da morte. Todos os povos têm seus mitos que são contados de geração a geração, traçando a alma daquele povo. Ele dá alma ao que não pode ser pensado como objetivo. No entanto, o mito não é uma fala qualquer, ele é uma fala especial que tem como particularidade a capacidade de se distinguir entre tantas

outras narrativas humanas. Para as definições encontradas nos dicionários, o mito é algo alegórico que traz, em suas entrelinhas, uma mensagem cifrada. O mito fala de forma poética sobre coisas sérias, no entanto sem deixar óbvio. Ele funciona como social, ele expressa um valor e uma eficácia na vida social (ROCHA, 2017).

De acordo com Ribeiro (2016), o mito é uma realidade cultural que pode ser interpretada em diferentes perspectivas. O mito fala do que, de fato, ocorreu. Muitas vezes, descreve os súbitos e dramáticos acontecimentos do sobrenatural. Ele serve, como base, para explicar as atitudes e a cultura de um povo, explicando sua existência e vicissitudes. Na atualidade, o mito é estudado em duas vertentes: a primeira que o percebe como ficção; e a segunda vertente considera-o como algo sagrado.

Para Campbell (1990), o que há de comum entre os homens se revela nos mitos. Os mitos são as histórias de nossa vida, de nossa busca pela verdade, da busca do sentido de estarmos vivos. Eles são caminhos secretos que nos levam às potencialidades espirituais da vida humana, daquilo que somos capazes de conhecer e experimentar dentro de nós. Na sua simplicidade, pode se dizer que o mito é o relato da experiência de vida e, através da leitura de cada um deles, poderemos realizar uma viagem para dentro de nós, nos conhecer. A mensagem do mito só é compreendida quando o leitor se debruça a querer compreendê-lo, e, em alguns casos, perceberemos que alguns mitos possuem enredo universal.

Existem diversas abordagens que buscam a interpretação dos mitos, ou melhor, a sua explicação. A comunicação intercultural que os mitos podem proporcionar exige um duplo movimento semântico: uma semântica de superfície que consistiria na explicação do mito, com uma descronologização. O tempo é incerto e para dar continuidade à comunicação seria necessária a combinação, reconstituindo, por um processo de abstração, unidades dramáticas e sequências de ação; o segundo movimento diz respeito a uma semântica de profundidade que, ao partir da ideia fundamental de que o mito se enraíza em suportes existenciais e nasce para resolver os grandes conflitos da existência, ele permite que sejam feitas as descrições das suas dinâmicas de resposta, desmistificando-as e proporcionando a possibilidade de adoção de uma atitude criadora e libertadora de sentidos novos (BAPTISTA, 2018).

Dentre as correntes que estudam o mito, as mais discutidas e conhecidas são as correntes: naturalista de Max Müller, um indólogo (pessoa que se dedica ao estudo da indologia; indianista) e filólogo (pessoa que se dedica ao estudo da linguagem em fontes históricas escritas, incluindo literatura, história e linguística). Foi ele também o primeiro a usar o termo “Ciências da Religião”. A partir dele, inaugura-se uma vertente romântica, que punha a religião associada a vestígios comuns e verdadeiros, escondidos na mitologia dos

povos primitivos, proveniente, certamente, de uma religião supostamente fundamental, unificadora (do povo, da nação, ou etnia) e culturalista, que acreditava na figura de Adão e sua língua. Assim percebemos que o mito estava relacionado a religião.

Müller escreveu o famoso ensaio *Comparative Mitology*, escrito em 1856. Passados alguns anos após a morte de Max Müller (1900), foi constituída, em 1906, em Berlim, uma Sociedade de Mitologia Comparada (*Gesellschaft für Vergleichende Mythologie*), que objetiva o programa de comparação mitológica, desvinculada de qualquer preconceito linguístico, pois a pesquisa deve ser estendida às mitologias de todos os povos, independentemente de sua linguagem. Dessa forma, o mito associou-se à Ciência Antropológica (SILVA; MANCINI, 2018).

De acordo com a concepção Animista, primeiramente abordada por Edward B. Tylor, as religiões estariam em constante processo evolutivo dentro da história, nascendo assim o que é denominado Laico. Para ele, o mito é um segmento da religião. Com Tylor, inaugurava-se uma linha positivista-evolucionista-racional (VIANA, 2013).

A *Escola Mito e Ritual*, introduzida por Robertson Smith, teve bastante repercussão acadêmica. Suas pesquisas defendiam a ideia de uma refeição totêmica enquanto momento essencial (ritualístico) das religiões primevas. Isso quer dizer que o homem oferecia animais e vegetais para os deuses. Com base nas contribuições de Smith, Freud criou o mito da horda primeva<sup>2</sup> (SILVA; GOMES; TIMOTEO, 2016).

A *Corrente Funcionalista*, representada por Bronislaw Malinowski, marcou a cartografia dos estudos mitológicos. Com seus estudos, ele nos conduz ao entendimento sobre os domínios dos povos primitivos, ao Sagrado e Profano, o domínio da Magia, o domínio da Religião e o da Ciência pelo povo primitivo. Desmistificando o homem primitivo, Malinowski esclarece que esses conhecimentos são intrínsecos à vida do homem primitivo. Essas forças estão vivas no seu dia a dia, sendo assim, o homem não é apenas bruxaria, mito e magia (GONÇALVES; FERREIRA, 2016). Para ele, o mito é uma narrativa diferente da ficção, ele é um componente indispensável de toda cultura, logo, não pode ser estudado apenas em texto, pois há uma narrativa que deve ser considerada e, de acordo com o público, que vai ouvir essa narrativa, o mito pode ser resumido, ter passagens omitidas ou realçadas. Para Malinowski, o mito existe por força de uma grande necessidade religiosa, vontades morais, submissões sociais e direitos (JUNQUEIRA, 2015).

---

2 O sentimento de culpa gera duas proibições fundamentais: matar o pai e obter satisfação sexual com a mãe. Estes são os dois interditos ativos que atuam na cena edípica.

Dentre as diversas correntes que estudam o mito, podemos destacar a corrente psicanalítica elaborada por Sigmund Freud e, posteriormente, modificada por seus sucessores (SLAVUTZKY, 2002). Para Freud, o mito sempre esteve ligado à neurose<sup>3</sup>. Ele tentou explicar as relações existentes entre os sintomas neuróticos e os mitos, perseguindo insistentemente na sua teoria até sua morte. Assim como em outras correntes e abordagens, Freud explicou que o mito se entrelaça à história. Algumas vezes a história vira mito e, em outras, o mito vira história. Os mitos familiares são os mais comuns na vida do homem. Eles contam e recontam histórias do seu passado. Para a psicanálise, o homem é um ser mítico. Freud explica que seria impossível estudar a neurose sem fazer referência ao mito “Édipo”. Sua fascinação pelos mitos foi tão intensa que Freud sugeriu que a mitologia fizesse parte de um curso de formação de psicanálise.

Para Jung, o mito fazia parte do coletivo da humanidade. Jung era um psiquiatra que iniciou seus estudos em psicanálise, porém discordou de algumas idéias de Freud. Para ele, embora fossem povos distintos e de culturas distintas, as simbologias e as figuras míticas são bem semelhantes. O mito, segundo ele, nasce no interior da mente e se exterioriza através da cultura. Além disso, existe uma ligação entre as sociedades atuais e as antigas através dos mitos. Jung percebe que há uma herança psicológica construída ao longo da evolução humana a qual ele denomina de inconsciente coletivo. Isto significa que todos os homens, independentes da época em que existiram, compartilham de um mesmo arquetípico universal (VIANA, 2013).

Assim, com base nas diferentes visões e concepções de mito, podemos perceber que o estudo do mito e de sua lógica só veio a se consolidar com o surgimento da escrita, posto que, antes, toda a história era contada através da oralidade. Assim, com a escrita, percebe-se que o pensamento lógico se difere do mito, pois agora ele não é só palavra. A palavra falada passa a ser diferente da palavra escrita, foi então estabelecida a distinção entre *mythos* e *logos*, sendo o primeiro localizado na ordem do fascinante, do fabuloso, do maravilhoso, e o segundo, na ordem do verdadeiro e do inteligível. Há, ainda, uma concepção que aponta ou estabelece uma oposição entre mito e história, parte que será descrita no capítulo seguinte.

#### **4. CAPITULO II – ASSOCIAÇÃO ENTRE MITO E HISTÓRIA**

---

<sup>3</sup> Problema de natureza emocional, também relacionada à personalidade e ao universo afetivo do indivíduo.

De acordo com Nora et al (1993), a história tem o papel fundamental de reconstruir, de forma problemática e, por que não dizer, de forma incompleta, aquilo que não existe mais. A história é a representação do passado. Para estes autores, a história só conhece o que é relativo, e, por muito tempo, os grandes produtores de arquivos da história estavam reduzidos às grandes famílias, à Igreja e ao Estado.

No entanto, será que, em algum momento, a história é capaz de nos enganar? A história é uma forma de se conhecer a realidade. Mesmo havendo contradições entre historiadores, filósofos, sociólogos, e politicólogos<sup>4</sup>, ela tem o objetivo de contar o passado do homem, de um povo e de uma nação. De acordo com Borges (2017), a história é uma palavra grega que significa investigação e informação. Sua origem, para nós homens ocidentais, deu-se na região mediterrânea. Mas antes que a história surgisse, o homem já tinha necessidade de contar seus feitos, também a necessidade de explicar suas origens e sua vida. Isso acontecia por meio dos mitos, a primeira forma de expressão das sociedades transmitida através da oralidade. Através dos mitos os povos passavam conhecimentos mágicos e religiosos da realidade.

A partir do século XX, o mito soa como algo infantil, irracional e supersticioso. Mas precisamos reconhecer seu papel nas sociedades primitivas. Para aqueles que aceitavam as explicações míticas, ela era uma verdade. Desse modo, também percebemos que o mito não é uma invenção ou a contação de um engodo. Ele é uma forma de pensamento com sua lógica e coerência própria. O tempo descrito nos mitos parece tão distante que ele é impossível de ser datado. Ele se refere a um pseudotempo, estando desapegado de qualquer realidade concreta. O mito está fadado a um tempo circular e não linear. (BORGES, 2017).

Mito e razão, mythos e logos, são dois modos de compreender o mundo e de se relacionar com ele. Mais que com ele, mythos e logos são modos distintos – mas não necessariamente excludentes – do ser humano se relacionar consigo próprio, de conseguir se compreender (DURAZZO, 2016).

#### **4.1. O MITO ATRAVÉS DO TEMPO**

Se observarmos o mito, através do tempo e da história da civilização, percebe-se que, na Grécia Antiga, a sua função era permitir o conhecimento de determinadas realidades sobrenaturais, era trazer ao homem o conhecimento da natureza. Por meio de seus símbolos, o

---

<sup>4</sup> Especialista em politicologia ou na parte das ciências sociais que se dedica ao estudo da teoria e da prática política.

mito era a forma mais confiável e verdadeira para se explicar as coisas sobrenaturais. Mas ele ainda ganha nova conotação na sociedade moderna. Doravante, o mito surge como o retorno às origens. Seleprin (2016), em sua obra, exemplificou o retorno às origens, tomando a história da Reforma da Igreja Católica<sup>5</sup> que se caracteriza pelo retorno à Bíblia, levando a igreja a querer viver o modelo dos primeiros cristãos; como segundo exemplo, Seleprin cita a Revolução francesa, que teve como inspiração as lutas entre Esparta e Roma.

Esse despertar pelas origens gerou, na Europa do século XIX, uma insaciável paixão pela história nacional, paixão que virou um instrumento de propaganda e, por último, um instrumento de luta política. O mito é dessa forma um instrumento vivo um meio de enaltecer conflitos entre os povos:

Como exemplo desse provincialismo cultural, dessa paixão pela “origem nobre”, temos o mito racista do arianismo, o qual foi revalorizado e difundido no Ocidente principalmente pela Alemanha. (...) O Ariano pretendia-se um representante do ancestral primordial, deus forma possuindo uma origem nobre. Sendo de uma origem nobre, ele estava dotado de virtudes, as quais não haviam ainda sido assimiladas por todos, sobretudo daqueles ideais que remontavam às revoluções de 1789 e 1848 (SELEPRIN, 2016, p.9).

Na nossa atualidade, os modelos de mitos são todos os dias expostos nas mídias. Os deuses mitológicos e as figuras folclóricas estão presentes nas histórias diárias, encarnando os ideais da sociedade. Geralmente, os personagens se apresentam com dupla identidade, são os super-heróis. Seleprin (2016) descreve os romances policiais como outra forma de se apresentar o mito. Isto porque, na batalha entre o bem e o mal, o leitor acaba, de forma inconsciente, numa projeção e identificação de si com a história. Na nossa sociedade, podemos perceber que os comportamentos míticos estão relacionados ao sucesso. O artista sabe que seu comportamento audacioso pode lhe garantir reconhecimento e idolatria.

No entanto, o comportamento mítico que aqui nos interessa é a literatura. Isso porque a literatura e os romances são capazes de prolongar a narrativa mítica. A literatura e o mito se aproximam pela propriedade de poder fazer com que o leitor saia de um tempo pessoal e histórico e entre num tempo imaginário. Entretanto, para Seleprin (2016), o mito na atualidade o mito vem sendo afetado devido à globalização Ocidental. O profano parece estar a cada dia tomando o lugar do sagrado e o sagrado se tornando cada dia mais profano, num movimento de destradicionalização. E a literatura revela esses movimentos. Os romances nos

---

<sup>5</sup> A **reforma católica** começa a ganhar força entre os anos de 1545 e 1563. Naquele período ocorria o Concílio de Trento, que tinha o objetivo de afirmar de forma mais enfática a disciplina eclesiástica e a unidade da fé.

transportam para tempos indeterminados, fazendo-nos viver e sentir de maneira atemporal, isso ocorre não só na nossa literatura brasileira, mas também em outros países e civilizações.

## 5. CAPÍTULO III - O EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO

Existem muitas formas de se definir literatura. Para Eagleton (2001), a definição de literatura depende da maneira pela qual alguém decide ler, não importando a natureza do que é lido. A linguagem literária não é apenas referencial; ela apresenta seu lado expressivo, emotivo e não se limita a afirmar ou a exprimir o que diz; uma de suas funções é influenciar a atitude do leitor, persuadi-lo e, no último caso, modificá-lo. O autor destaca as idéias de Umberto Eco e descreve algumas das funções da literatura: a literatura contribui para a formação da língua, para criar a identidade do povo, e criar comunidades; ela nos dá a oportunidade de liberdade de interpretação; ela nos proporciona saber o que é relevante e o que pode ser abandonado nas nossas interpretações; e por fim, a literatura nos abre a visão para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é uma vítima de suas próprias alucinações.

A literatura é a expressão impar das ideias de um povo. È a junção do filosófico, heróico, e o que é de mais sublime. É o momento em que o literário descreve virtudes e paixões. No entanto, podemos afirmar que cada lugar tem sua literatura própria. A Europa tem sua literatura originária do cristianismo, e outra literatura repleta de lembranças mitológicas e de costumes que não são europeus. No entanto, ambas se mesclam, e é impossível separá-las, pois embora pareça simples, existe um acordo entre elas e as circunstâncias peculiares e temporárias do povo. (MAGALHÃES, 2014)

Portugal, assim como toda a Europa, tem sua literatura marcada pela presença de grandes literários. A primeira época da sua literatura se iniciou com o trovador Paio Soares de Taveirós. Esse estilo literário surgiu provavelmente entre os anos de 1189 ou 1198 e durou duzentos anos. Foi conhecido como Trovadorismo. A atividade literária deste período foi marcada pela poesia, a novela de cavalaria, e os cronicões<sup>6</sup> e livros de linhagem, observando-se a ordem dos surgimentos e importâncias. Após esse período trovadorista, no ano de 1418, surge o Período Humanista. Neste, trabalha-se com a implantação das ideias humanistas. Os literários passavam a cultivar a historiografia, a prosa doutrinária, a poesia, o teatro e a novela de cavalaria. Dentre os literários da época, destacamos Fernão Lopes. Das suas obras restaram

---

<sup>6</sup> Caracterizavam-se como narrativas de fatos históricos importantes em uma ordem cronológica, intercalados por fatos fictícios.

apenas três: Crônica d’El-Rei D. Pedro, Crônica d’El-Rei D. Fernando e Crônica d’El-Rei D. João I. Outro nome de destaque no período humanista foi Garcia de Resende. Ele escreveu “Trovas à Morte de D. Inês de Castro”. Esta trova está contida em sua obra denominada *O Cancioneiro Geral* (MOISÉS, 1998).

O terceiro período da história da literatura portuguesa é marcado pelo Classicismo, iniciado em 1527, com a chegada de Sá de Miranda, vindo da Itália, que divulga os novos ideais estéticos. O movimento termina em 1580 com a morte de Camões. Este período deu margens para a poesia, a historiografia, a literatura de viagens, a novelística, o teatro clássico e a prosa doutrinária. A pessoa de destaque nesse período foi Luís Vaz de Camões. Nascido em 1524 ou 1525, sendo a cidade de nascimento imprecisa, o que se sabe é que ele era originário de uma família fidalga da Galiza. Camões escreveu poesias líricas e épicas, de recorte medieval ou clássico, e teatro popular e clássico (MOISÉS, 1998).

A literatura tem a capacidade de juntar diversos conhecimentos e traçar a história de um povo sem se desvincular da ideia predominante da época em que foi concebida. Assim quando falamos em Camões, a primeira obra que nos vem a mente é “*Os Lusíadas*”. Ela foi publicada em 1572 e, não diferente das obras do período Renascentista, é rica referências mitológicas. Sua arte de fingir alimenta críticas e controvérsias em seus leitores. Camões evoca a história para compor um mito, e, em contrapartida do mito, ele move o poema para recompor a história.

Todos esses movimentos representativos, transgressores e ao mesmo tempo reversíveis, situam os *Lusíadas* num campo de forças poéticas com intenso agenciamento de formas e fórmulas expressivas, simbólicas, retóricas, culturais, políticas e comerciais (...) (PEREIRA, 2017, p.117).

*Os Lusíadas* narra uma série de acontecimentos fenomenais, que acompanham a viagem de Vasco da Gama às Índias. O livro é composto por 10 cantos que são divididos em 1.102 estrofes. Cada uma dessas estrofes possui exatamente oito versos e com rimas ABABABCC. Camões teve grande influência do Rei D. Sebastião ao publicar *Os Lusíadas*, vemos a dedicatória que Camões faz ao rei no início da obra. As histórias, aí presentes, são sobre os riscos das viagens em alto mar, o descobrimento de novas terras. Ele sempre mencionava o heroísmo, o navegador e o cavaleiro.

Quando Camões escreveu *Os Lusíadas*, ele estava escrevendo uma epopéia para o país, tendo como assunto principal a viagem de Vasco da Gama às Índias. E ao seu entorno outras histórias de eixo poético foram sendo agregadas. O que Camões pretendia era louvar



um herói, e louvar como modelo de comportamento, ou através dele, louvar o seu país, seu povo e a sua comunidade. A epopéia *Os Lusíadas* é uma narrativa que conta, em detalhes, a história de um povo, a cronologia, porém, não interessa. Ele optou pelos versos porque, com a rima, seria mais fácil ser decorada e, posteriormente, recontada de geração para geração.

O momento que marcou *Os Lusíadas* foi o momento do renascentismo e, como peculiaridade, os poemas sempre partiam para o lado antropocentrismo, pois enaltecia o homem em seus estágios psicológicos e mentais. Em *Os Lusíadas*, encontramos, porém, princípios diversificados e, além disso, temos em vista que a obra comporta o enredo dividido em: Proposição, invocação das Tágides, Dedicatória ao Rei D. Sebastião, a narração e o epílogo.

Proposição é um procedimento que tem como objetivo apresentar os assuntos sobre os quais o literário vai narrar. Camões faz essa proposição de forma minuciosa, destacando os feitos, ações, criaturas, povo, reis, atividades portuguesas; a invocação era comum aos poetas da época, logo após a proposição se evocavam as musas. Fazia parte da estrutura poética clamar pelas benignas criaturas que auxiliam os compositores e dar-lhes um bom número de estrofes. As musas invocadas, na Parte II, por Camões são as tágides, ou seja, criaturas que, segundo a mítica criada pelo autor, habitariam as águas do rio Tejo; quanto a dedicatória, é bem sabido que ela foi dedicada ao Rei D. Sebastião, o responsável pela publicação de *Os Lusíadas*; no canto I, já se inicia a narração que termina no canto X, parte da epopéia que engloba a Viagem de Vasco da Gama às Índias e a história de Portugal, acrescido da mitologia grega, podemos perceber que há dois narradores, o próprio poeta e Vasco da Gama; o epílogo inicia-se na estrofe 145 do último canto, composta por onze estrofes reflexivas (CAMÕES; PESSOA, 2001).

A obra eternizada de Camões ganhou popularidade mundial. O episódio de Inês de Castro e D. Pedro, esse desde o século XVIII é considerado o mais poético e porque não dizer, o melhor do poema. Ele teve um grande número de traduções e adaptações, assim sendo, nas bibliografias camonianas sempre é incluída uma seção de Inês de Castro. O drama de Inês de Castro ganhou diferentes formas de ser representado. Na Itália, por exemplo, ela pode ser conhecida através da ópera, da música, do bailado e do teatro; além de ser fortemente divulgado em outros países do continente europeu. Camões é considerado o sol da literatura de sua época. A beleza verbal de seus poemas agrada a diferentes leitores da literatura portuguesa (SODRÉ; HUE, 2005).

Assim, ao realizarmos uma análise geral de *Os Lusíadas*, podemos dividi-lo em pelo menos três planos: um plano mítico, que relata a ação dos deuses para auxiliar o herói Vasco

da Gama e seus companheiros; um plano histórico português, parte que compõe os Cantos III, a epopéia de Inês de Castro e D.Pedro, o canto IV, quando o poeta cede a voz ao capitão que, no reino africano de Melinde, contando a história de Portugal desde sua formação; e, por último, o plano da viagem em si de Vasco da Gama. Assim, se reunirmos os cantos, podemos redefini-los em duas partes: a história de Portugal e a Expedição de Vasco da Gama. (PRITSCH, 2011)

No entanto, a história que marcou profundamente, como já dito antes, foi o episódio de Inês de Castro, contido no Canto III de *Os Lusíadas*. Com base nesse episódio, descreveremos, em breves palavras, a história da jovem dama que se tornou amante do príncipe e que, até hoje, sua trajetória de vida mexe com o imaginário do povo lusitano, e porque não dizer de diferentes partes do mundo.

A família Castros fazia parte da alta nobreza e como qualquer família da mesma classe participava das revoltas partidárias de Castela. No entanto, após ter seus bens confiscados por Fernando IV, rei de Castela, eles partiram para Portugal onde se estabeleceram. Dando prosseguimento à linhagem dos Castros, nasceu Inês, filha bastarda de Pero Fernandez de Castro. Este, mesmo partilhando da mesma idéia partidária de seu pai, teve um destino diferente. Ele retornou à Castela após a morte de Fernando IV. Ele seria reabilitado em suas honras e haveres e reconhecido como descendente legítimo dos Castros, junto a Afonso XI, filho de Fernando IV, graças a uma estratégia de restabelecimento do equilíbrio interno do reino. (FERNANDES, 2017)

Inês de Castro foi criada junto à corte, na casa de João Afonso de Albuquerque, primo de Afonso XI. Lá, Inês exercia a função de aia da mãe de João Afonso. Quando João Afonso de Albuquerque foi designado para conduzir a Infanta castelhana, Constança Manuel, ao reino português, onde se casaria com o Infante Pedro, Inês de Castro acompanhou na comitiva já como aia da futura rainha de Portugal. Os seus atributos físicos e sua origem, mesmo que ilegitimamente da realeza, e as referências dadas pelos nobres, contribuíram para que a jovem fosse selecionada para ser aia da rainha. As funções que exerceria seriam similares às já exercidas, porém agora o que se exigia era um maior zelo. Além desses afazeres, ela deveria acompanhar e servir a futura rainha antes do casamento, garantindo seu bem estar e integridade física e moral. Assim fez Inês, acompanhou aquela que seria esposa do Infante Pedro de Portugal. Não se sabe se Inês e Pedro mantiveram algum relacionamento enquanto Constança Manuel estava viva, o que se sabe ao certo é que juntos tiveram uma relação ilegítima que gerou quatro filhos (FERNANDES, 2017).

O relacionamento de Inês com o príncipe não era nenhum segredo. Isso causou grande descontentamento na corte. A própria Dona Constança, com o intuito de coibir tal relação, convidou Dona Inês para ser madrinha de seu primogênito, pois, nas leis canônicas da época, a relação entre madrinhas e pais era considerada incesto. Infelizmente, a criança veio a falecer ainda muito pequena. O Rei decidiu expulsá-la e a exilou em um castelo nas proximidades da Espanha, porém com a morte de Dona Constança, o infante D. Pedro recusou-se a casar com outras senhoras, bem como finalizar seu relacionamento com Inês de Castro, desagradando seu pai e o povo. No entanto, a nobreza desaprovava mais por um fundo político que moral. Desconfiava-se que os irmãos de Inês, já bastante próximos de D. Pedro, haviam estimulado a união movida pelo viés político.

Segundo Marques, um ano antes da morte da dama, seu irmão, D. Álvaro Perez de Castro, procurou D. Pedro para convencê-lo a disputar contra D. Pedro de Castela o trono castelhano, dado o grau de parentesco entre ambos. Segundo o historiador Marques, tal influência dos Castro sobre o infante despertou em D. Afonso IV o temor de que o filho se envolvesse em questões políticas do país vizinho (CONTEMPORANEIDADE, 2015, p.31).

Mesmo diante de tantas desaprovações, Inês e Pedro tiveram quatro filhos. Morreu o primeiro ainda criança, ficando João, Dinis e Beatriz de Castro. Inês foi usada por seus irmãos numa trama nobiliárquica contra Pedro. Mas não há nenhum documento que prove que o intuito a sucessão da parte de Inês era significativamente suficiente para que pudesse envolvê-la em questões do reino. O rei português, Afonso IV, quando descobriu as intenções intervencionistas dos Castro e toda a influência que exercia sobre os assuntos internos portugueses, decidiu pela eliminação de Inês de Castro, ocorrida em Coimbra, em janeiro de 1355. O assassinato de Inês causou grande revolta em Pedro que, por reação, desfez seus vínculos com seu pai, e iniciou uma guerra civil (FERNANDES, 2017).

No ano de 1357, depois da morte de Afonso IV, Pedro assume o trono. Após sua ascensão ao trono Português, D. Pedro, que havia jurado ao seu pai nunca vingar a morte de Inês, quebrou o pacto fixado em agosto de 1355. Numa troca de refugiados políticos, ele negociou com Castela a entrega dos fidalgos, aqueles que seriam os supostos responsáveis pela execução de Inês, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves. Tal fato foi descrito nas crônicas de Fernão Lopes e na crônica do espanhol Pedro Lopez Ayalla, ambos fazem referência à troca de refugiados políticos, acordo feito entre D. Pedro de Portugal e D. Pedro de Castela (CONTEMPORANEIDADE, 2015).

Logo em seguida e durante seu reinado, ele promove o traslado do corpo de Inês do mosteiro de Santa Clara de Coimbra para o Mosteiro de Alcobaça, túmulo oficial da realeza portuguesa. Inês recebeu, em morte, todas as honras de uma rainha. Pedro declarou ter casado com Inês em segredo, porém foi contestado por não haver testemunhas. Os seus filhos tiveram direito de serem criados na corte junto com o filho de Pedro e Constança Manoel (FERNANDES, 2017).

Infelizmente, não há nenhum registro que declare como se deu a coroação de Inês após sua morte. O romantismo de Camões descreve a ascensão da vida e da desgraça para uma rainha morta. De acordo com a lenda, D. Pedro, ao fazer desenterrar o corpo de Inês para colocá-lo no túmulo de Alcobaça, mandou que, antes, o corpo de Inês fosse assentado num trono, esta estaria usando trajes reais, e D. Pedro a prestar-lhe vênias como rainha e a beijar-lhe a mão. Mas, se analisarmos o tempo que reside entre a data de sua morte e a data em que foi desenterrada, além disso, Inês foi degolada. As tais lâminas afiadas foram fantasiadas por Camões, sendo assim, seria impossível sentar Inês em um trono (CRISTÓFANO, 2012).

No entanto, a cena do “beija-mão” à rainha morta foi eternizada e popularizada com a publicação de *Os Lusíadas* no século XVI. Camões descreveu a vida de Inês, sua trágica morte, e o amor sem limites de D. Pedro, alimentando o imaginário popular e não deixando morrer o mito *Inês de Castro*. Na linguagem romântica, o real é reinscrito como ficção, deixando o texto livre para interpretações. A história de Inês de Castro se torna um mito por ser uma desreconstrução da metaficção (CRISTÓFANO, 2012).

Entretanto outro relato sobre o mito inesiano é contado por Camões e Pessoa (2001), os pressupostos históricos relatam não se saber, ao certo, a origem de Inês, visto que sua história é recontada como um mito que consagra o amor como eterno e indestrutível. O que é comum a outros relatos é o fato de sua beleza e do interesse imediato de Pedro pela jovem. Os encontros, em segredo, também são parte deste relato, o que difere das outras histórias pesquisadas é a morte de Dona Constança. Diversos autores apenas relatam sua morte após o nascimento de seu filho Fernando. Nesse relato, Constança morreu de desgosto ao descobrir estar sendo traída por sua amiga e confidente, D. Inês. A morte do Rei também foi reconhecida como desgosto, por descobrir o casamento secreto de Pedro e Inês.

A fúria de Pedro também é contada em outra versão, de acordo com Camões e Pessoa (2001). Pedro, ao voltar a Lisboa, para ver seu pai que havia morrido de desgosto, soube sobre a morte de sua amada e a desenterra após 28 dias de seu sepultamento. Percebemos que, nas outras literaturas, essa cena foi descrita pelos historiadores como ocorrida após cinco anos da

morte da jovem. Os assassinos de Inês tiveram castigo cruel, em praça pública foi-lhes tirado o coração e suas vísceras jogadas aos cães. Os restos dos corpos foram queimados.

Inês de fato existiu e sua vida foi dedicada a sua paixão por D. Pedro e, por consequência deste sentimento, ela foi sacrificada. Para Santos (2005), o casal Inês e Pedro se apresenta como protótipo do casal ideal homem/mulher, como amor português modelar, trágico, cheio de saudade. Ainda acrescentam que, por ter sido uma relação curta, ela nunca chega a conhecer o realismo do cotidiano e a conversão dos sentimentos mais nobres em mundanos, cansados e desiludidos, comum às relações de longo tempo. Ambos são historicamente inseparáveis, para se falar em um o outro automaticamente é associado. Para o autor, mesmo pertencendo a esferas diferentes da sociedade, Inês e Pedro foram elevados a mesma condição após sua morte:

Representam uma união de duas partes, dois mundos, totalmente diferentes, cujas diferenças pautaram a sua separação e trágico final. São então estas diferenças que conduzem à morte, a essa morte unificadora que os eleva à mesma condição: Pedro traz Inês até si, coroando-a, e Inês iguala-se a Pedro pela força do amor e da santidade que lhe é devotada após a morte e transladação para o túmulo de Alcobaça mandado construir pelo eterno amado de forma "superior ainda ao da sua avó, a Rainha Santa Isabel, no convento de Santa Clara. (SANTOS, 2015, p.14)

No entanto, Inês só existiu porque existiu Pedro, acrescentando que, sem a figura masculina, a figura de Inês jamais teria sido descoberta. Esse enlace foi quem garantiu seu lugar na história, a relação de ambos marcou a época por ser uma relação de adultérios e promessas. Inês marcou a história por ser aquela que destruiu o casamento de Pedro e Constança, mas, em contrapartida, marca pelo fato de ser aquela que ele escolheu para esposa. O amor entre eles se tornou não apenas uma ameaça para o casamento de Dona Constança, por se tornar mais forte, acreditava-se que ele representaria uma ameaça para o reino (FREITAS; NASCIMENTO, 2015).

A biografia de D. Pedro I de Portugal pode ser encontrada em três tipos de fonte: as narrativas, a documentação arquivista e os dados transpostos da tradição. Ao lado dos inúmeros pontos incluídos a cada conto sobre D. Pedro, não se pode deixar de observar que eles certamente tiveram por base uma matriz de realidades à qual o personagem correspondeu, de certa forma, e, sem a qual, é impossível a formação do mito. A Crônica de D. Pedro escrita por Fernão Lopes, apenas 14% da sua constituição relata a relação entre D. Pedro e Inês de Castro (GUIMARÃES, 2004).

De acordo com Santos (2005), o mito Dona Inês apresenta características similares quando contadas por diferentes romancistas. Para os romancistas, a figura de Inês como uma ameaça política não era o que significava, o que não poderia acontecer e, de fato aconteceu, é uma mulher morrer porque amava um homem. Estes tentam mostrar outro lado de Inês, sacramentando-a do mesmo modo que foi feito por D. Pedro. Ao abordarmos a história, nesse período, a figura feminina surgia apenas como uma idéia, adorada ou sendo adversária. A sociedade era patriarcal e cheia de preconceitos. A mulher só era valorizada após o casamento, assim Inês sendo uma mulher solteira fazia parte dessa maioria subjugada à figura masculina.

Camões retrata Inês cheia de meiguice e vítima de um destino cruel. Ele se preocupa em criar um clima com dois componentes que se cruzam e se completam: a fatalidade e a espiritualidade sublimadora. Inês, jovem e cega pelos gozos desse amor, frágil e delicada, é golpeada pela espada, tendo seu choro e piedosa voz abafada pela brutalidade de seus algozes. A fragilidade foi vítima de um povo e suas razões. A obra camoniana apresenta a mulher como um ser angélico. O que se busca é a divinização do amor humano. Camões busca mostrar Inês como o cordeiro levado ao sacrifício, essa gesta de amor é uma representação do cristianismo peninsular (OLIVEIRA, 2000).

Camões dedicou-se a descrever a jovem galega mais por sua inocência e seu amor desinteressado pelo príncipe, visto que esta desejava apenas estar com seu amado, sem nunca optar por um lugar na corte, assim como descreve uma mulher que não se esquivou da iminente morte. Inês, embora fosse amante do príncipe e vivera como concubina dele, não é reconhecida por Camões por sua moralidade, mas como uma mulher que suplica pela sua vida em nome dos filhos. Sua morte foi violenta e trágica, mas Camões, mesmo diante da gravidade da execução da pena, tenta amenizar a culpa do Rei Afonso IV, quando fala que a súplica comoveu-lhe, o Rei deixa sendo culpados os seus conselheiros junto com o povo que temia o futuro do trono. (KREISCHER, 2017)

No entanto, esse diálogo entre Inês e o Rei foi consagrado pela literatura, o que se imagina é que a lenda e o mito já teriam se fixados. Afonso, ao dirigir-se a Coimbra, foi para legitimar a execução. Mas é na morte que Inês é tornada Rainha. Ao descrever D. Pedro coroando Inês já morta, percebe-se que a intenção do canto camoniano é mostrar a coroação do amor que assume a morte, posto que Pedro escolhe uma rainha morta. O mito busca unir vida e morte. A vida para eles só teria sentido juntos. Ao perceber que seria separada de Pedro, a jovem Inês já se sentia morta, e ao coroá-la rainha morta, Pedro assume a morte. (OLIVEIRA, 2000).

Para Ribeiro (2016), ao recontar a história de Inês de Castro em sua epopéia, Camões contribuiu para que o mito inesiano chegasse a outros continentes e povos de forma lírica. O modelo camoniano de contar o mito inesiano influenciou outras escolas literárias. No Arcadismo, por exemplo, o escritor Manuel Maria Du Bocage também dedicou-se a falar sobre o mito inesiano, Sua composição mais significativa acerca da temática é Cantata à morte de Inês de Castro, que segundo a crítica, ele busca ampliar as intenções camonianas. Durante o século XIX, predominou o amor sem medidas, a figuração da injustiça, o saudosismo, a perenidade do amor, o anseio pela eternidade e a coroação depois da morte:

Tais temáticas foram se revezando e alimentando a construção ideário mítico em Portugal, afinal, como já afirmado, o mito se espalhou e se constituiu numa espécie de alicerce para a construção identitária lusitana (RIBEIRO, 2016, p.386).

A história de Dona Inês de Castro se tornou um mito e Camões conseguiu, na sua epopéia, fazer com que essa história não fosse apenas um mito relacionado à história de Portugal, mas a colocou entre os mitos do amor. As concepções sobre o amor assumem papel importante para a organização das várias culturas e sociedades porque, através dele e por ele, define-se o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos. Nas sociedades ocidentais, principalmente, o amor é compreendido como base na interação social, e fonte de informação para as escolhas humanas. Percebe-se que o amor vem fazendo parte da literatura e da filosofia há centenas de anos. O amor é entendido como uma construção social que pode ser traduzida como uma experiência emocional não universal, que é definida e compreendida dependendo da cultura do lugar onde acontece. “Assim, os significados do amor dependem do período histórico, da temporalidade e das especificidades culturais subjacentes à sua conceitualização” (NEVES, 2007, p.612).

Para neves (2007), as histórias de amor contadas e recriadas fazem parte de uma matriz cultural, sendo elas histórias únicas de um lugar e de uma época peculiar, apresentando uma função social reguladora; essa regulação nos leva a refletir o curso de nossas relações e o tipo de relação que devemos manter e preservar. Assim, o mito inesiano nos mostra um amor inicialmente proibido pela situação de matrimônio de Pedro, e, depois, impossibilitado por questões políticas. O trono, que seria de Fernando, pareceu, aos olhos do Rei, ameaçado. O amor foi o pilar de toda a trama e desfecho dessa história.

A literatura ocidental, desde o século XII, prima pelo amor associado à dor, ao sofrimento e à futura felicidade que sempre é prometida aos que amam. O homem acreditava

ser o amor a via de mão única que leva à felicidade. Esta última é associada à plenitude. O amor devia ter um final trágico com a morte dos amantes, ou um final escrito por um “foram felizes para sempre” (FERREIRA, 2004). Esses desfechos contribuem para a ratificação do mito do amor. Percebe-se que não é possível atingir a plenitude, porque o amor sempre é proibido. A estratégia do mito de amor é justamente transformar o impossível em algo interdito para que a promessa da felicidade seja mantida e o mito preservado. Assim, mesmo sendo uma história verídica, o amor proibido é tragicamente interdito. O que restou foi uma promessa de felicidade oferecida a Inês por Pedro na eternidade, quando, no dia do juízo final, poderão novamente um contemplar a face do outro.

Entretanto, a figura do Rei Afonso IV não foge ao mito do amor familiar. De acordo com Fonseca (1995), o mito da família unida e que, posteriormente, se desagregou se opõe ao mito de que a família não tinha esse carisma e fraternidade que tanto se dissemina. Ela, antes, era marcada pelo interesse e só, há poucos séculos, se constituiu como sede de relações interpessoais. Afonso IV era uma figura que representou seu papel de senhor diante do mito do amor familiar. Ele, regido por seu desejo de preservar a coroa para seu neto Fernando, vai contra Inês por ver, na jovem, uma ameaça. Deste modo, percebemos que essa preocupação é, em si, de cunho político e de poderio. Inês era filha bastarda de um nobre e jamais poderia oferecer ao reino algum tipo de privilégio ou oportunidade.

Numa breve análise de *Os Lusíadas*, precisamente do episódio de Inês de Castro, encontramos a caracterização da jovem dama, tecida nas estrofes 119, 120, e 121. Essa descrição, de uma bela dama, reforça o Mito da beleza; tão superior beleza que fez com que Pedro se apaixonasse no primeiro instante. Camões descreve a jovem e sua alegria que logo se transformará em tristeza. Fala de sua localização espacial. cita o lugar exato onde a jovem foi abordada pelo Rei e seus conselheiros, e de como ela costumava lembrar-se de seu amor, o príncipe.

### **120**

Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledo e cego,  
Que a Fortuna não deixa durar muito  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas,  
O nome que no peito escrito tinhas  
(*Os Lusíadas*)

De acordo com o canto, a jovem sempre estava a recordar de seu amado com felicidade. Prosseguindo a leitura do canto nas estrofes 122 e 123, percebemos o Mito



Político. O Rei, mesmo diante da beleza, doçura e delicadeza de Inês e comovido por suas palavras, cede ao pedido do povo. O Rei desejou livrar seu filho do amor de uma dama. Assim como tirar a vida de Inês representaria demonstração de poder e domínio evitando que o trono fosse posto em perigo.

**123**

Tirar Inês ao mundo determina,  
 Por lhe tirar o filho que tem preso,  
 Crendo co sangue só da morte indina  
 Matar do firme amor o fogo aceso.  
 Que furor consentiu que a espada fina  
 Que pôde sustentar o grande peso  
 Do furor Mauro, fosse alevantada  
 Contra ãa fraca dama delicada?

Nas estrofes seguintes, de números 124 e 125, Camões descreve o momento em que Inês é levada ao rei. Este se comoveu com suas palavras, porém, levado pelo calor do desejo do povo, permite que os carrascos executem a jovem. Tais fragmentos também descrevem, com riqueza literária, o clamor da jovem Inês, que pede clemência não porque temia a morte, mas porque não queria separar-se de seus filhos.

**126**

– Se já nas brutas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 E nas aves agrestes, que somente  
 Nas rapinas aéreas têm o intento,  
 Com pequenas crianças viu a gente  
 Terem tão piadoso sentimento  
 Como co a mãe de Nino já mostraram,  
 E cos irmãos que Roma edificaram:

As estrofes seguintes, de números 126, 127, 128 e 129, descrevem o clamor de Inês. Camões não poupou o leitor de conhecer a face humana do Rei. As palavras de Inês comoveram sua pessoa e este, por um momento, quase desistiu de dar a Inês cruel destino, se não fosse a voz do povo, ela teria sido poupada:

**129**

Põe-me onde se use toda a feridade,  
 Entre liões e tigres, e verei  
 Se neles achar posso a piedade  
 Que entre peitos humanos não achei.  
 Ali, co amor intrínseco e vontade  
 Naquele por quem mouro, criarei

Estas relíquias suas, que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste.

Seguindo a leitura das estrofes 134 e 135, chegamos à morte de Inês. Camões descreve como se dá o passagem da linda jovem, ainda na melhor fase de sua idade, para a sua morte, ele a compara a uma flor que foi arrancada antes do tempo.

**134**

«Assi como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, cândida e bela,  
Sendo das mãos lacivas maltratada  
Da minina que a trouxe na capela,  
O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
Tal está, morta, a pálida donzela,  
Secas do rosto as rosas e perdida  
A branca e viva cor, co a doce vida.

Nesses excertos, Camões tem a preocupação de descrever como ficaram as filhas de Montego, o choro que causou a morte de Inês. A fúria que tomou conta de Pedro foi desmanchada em vingança. As estrofes 136 e 137 descrevem como ele reagiu à notícia do assassinato de sua amada e como fez para vingar-se dos algozes que, sem nenhuma piedade ,tiraram a vida da bela Inês de Castro. A forma como Pedro resolveu sua malquerença deu-lhe o codinome de “cruel” ou o “justiceiro”.

**136**

Não correu muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que, em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas;  
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,  
Que ambos, inimigos das humanas vidas,  
O concerto fizeram, duro e injusto,  
Que com Lépidio e António fez Augusto.

**137**

Este, castigador foi rigoroso  
De latrocínios, mortes e adultérios;  
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,  
Eram os seus mais certos refrigérios.  
As cidades guardando, justiçaoso,  
De todos os soberbos vitupérios,  
Mais ladrões, castigando, à morte deu,  
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.

Na versão literária de Camões, Inês morreu por causa de seu amor. A questão política e a grande tensão causada à Dona Constança pelo romance de Inês e Pedro relatada pelos

historiadores não é, em nenhum momento, citada ou levada em consideração. Para Camões, a tragicidade do um amor impossível e interrompido bruscamente era o mais importante a ser declarado em canto e poesia. Assim, essa análise do episódio inesiano corrobora para a ideia de Ferreira (2004), quando afirma que, no período em que foi escrito *Os Lusíadas*, a ideia que dominava nas produções literárias era o amor trágico, com a morte dos amantes.

Para Silva (2017), foi Camões que trouxe ao mundo uma nova forma de interpretar o episódio de Inês de Castro. Isso explica o fato de hoje não podermos interpretar se foi verdade ou se foi mito o caso de amor proibido e de destino trágico. Mas não se pode negar que o encantamento do amor, do ódio e da vingança permanece intacto na memória do povo, e são ainda capazes de mexer com o imaginário de portugueses, franceses, alemães e de tantas outras nacionalidades que venham a reler *Os Lusíadas*.

As obras de arte, em torno da jovem galega, sempre referem à história de uma mulher vítima da violência proveniente de dois acontecimentos, o seu amor pelo príncipe e por questões políticas que envolviam Portugal e Espanha. Isso nos permite interpretar, de diferentes maneiras, um mesmo episódio. A história de Inês é cercada de lacunas. Alguns registros descrevem uma Inês imperfeita, talvez porque a mulher da Idade Média não era tão significativa para a política. Essa ideiação de uma Inês irrelevante, mas que, porém o tempo fez com que fosse vista com outros olhares, fez dela um mito. A história de Pedro e Inês é um mito, pois se trata de uma história com diferentes interpretações e diferentes narrações poéticas.

Era ela uma mulher que buscou uma posição ao lado do príncipe, não de amante clandestina e secundária. Sua situação de mãe dos filhos de Pedro a colocavam numa situação política favorável dentro desse processo. A corte sabia o que estava se passando e o que eles queriam não era modificar o que existia, mas colocar ordem. A maneira como Inês mantinha sua relação com Pedro era traduzida como desobediência ao Rei, ao Bispo e uma ofensa a Deus. O comportamento de Inês feria as hierarquias da época:

O conflito toma proporções desmesuradas, o medo da condenação e o apetite amoroso entram em choque; a conduta de Pedro e Inês torna-se inexplicável, derrama-se na loucura e termina no crime (SILVA, 2000, p.288).

Inês optou por desliga-se dos deveres que a uniam à comunidade portuguesa. Ela assumiu os riscos da liberdade e as instituições foram abaladas com os feitos da autoconsciência dessa mulher: ela abala as leis da Igreja e do Poder real e acha-se com o direito de agir e sentir. Ignora a hipocrisia das relações pessoais do reino, pois, naquele

momento, ela vivia a transgredi-las; desconhece fins políticos que não sejam os seus próprios. Inês parecia agir como se tivesse grandes poderes. Dentre seus feitos, podemos ver que ela tornou-se madrinha de D. Luís, irritou as monjas de Santa Clara, incitou o príncipe a pretender o trono de Castela. E, por fim, ela persiste em ficar em Portugal, mesmo quando recebe ordens para não o fazer. Em oposição frontal a Inês está D. Afonso IV; Inês defende os direitos que existem além do religioso e do político, e D. Afonso IV representa os direitos do Estado (SILVA, 2000).

Inês, ao recusar qualquer concessão que a afaste de seus objetivos, foi trágica. Ela acabou sendo vítima de seus próprios objetivos. No entanto, a poesia transforma a violência do sacrifício de Inês num protesto contra o autoritarismo do poder real e, através de sua imagística, a história de Inês se torna a ponte de passagem para uma experiência que revela as possibilidades verbais com que os mitos são construídos (SILVA, 2000).

## **6. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A definição de mito é muito similar entre diferentes autores. O mito é a história recontada de maneira fantasiosa, dando margem para o imaginário. Corroborando com as afirmações de Rocha (2017), que define o mito como um meio para narrar uma grande história, citamos Ribeiro (2016), para quem o mito é uma história do cotidiano real e cultural que pode ser interpretada em diferentes maneiras. Embora as narrativas míticas reverberem resquícios de uma “verdade”, elas podem ser analisadas e interpretadas de acordo com aqueles que as ouvem e as recriam. Parafraseando as palavras de Ribeiro podemos afirmar que o mito é uma maneira de se explicar as atitudes e cultura de um povo, sendo assim os rituais, as cerimônias e muitas das festas de uma comunidade é uma forma de explicar através do mito aquilo que a ciência não o faz. O mito é um meio de se retratar uma verdade sem e fazer com que o homem não sinta a estranheza do que lhe é apresentado naquela história.

O mito tem suas vertentes. Ele pode ser considerado uma ficção ou algo sagrado. Os povos antigos o percebiam como sagrado, uma explicação para as forças da natureza, para a criação do mundo e dos deuses; atualmente a visão que se tem dos mitos é mais voltada à ficção, as histórias contadas são interpretadas apenas como parte do imaginário do povo, que a percebe como uma história sem uma data definida, repleta de fatos surreais e, como afirma Baptista, (2018) o mito se enraíza em suportes existenciais e nasce para resolver os grandes conflitos da existência.

Por se apresentar tão importante para a compreensão e para a elaboração de comportamentos e ideias, diversos estudiosos se dedicaram ao estudo dos mitos, tentando decifrar sua origem e como influenciam os indivíduos. Mas se mito é uma história por que não estudá-lo como história? Para Nora et al (1993) a história é algo recontado de forma incompleta, o que torna a história parcial ou incompleta é o fato de que os primeiros escritos foram produzidos pelas grandes famílias, pela Igreja e pelo Estado fazendo com que a representação do passado se tornasse subjetiva, afinal, os documentos da época dependiam da ótica daqueles que os produziam. É notório que antes de serem escritas as histórias eram contadas, esse processo de recontar vem aos poucos agregando valores daqueles que a contam e com a produção de livros surgiram os historiadores, filósofos, sociólogos, e politicólogos, que podem recontar a mesma história a partir de diferentes visões, essas diferenças de opiniões podem em alguns casos causar embaraço na interpretação do leitor.

O que, aqui denominamos de história contada, é o que conhecemos por mito. Todos os conhecimentos, fossem eles religiosos ou de qualquer outra natureza, eram passados através da oralidade. O mito tem o poder de nos fazer voltar a nós mesmos. Sua mensagem, seja ela regional ou universal, sempre tem em si uma lógica e um ensinamento. Campbell (1990) corrobora com as ideias de Jung quando afirma que os mitos estão próximos ao inconsciente coletivo.

O que ocorre é que, com o passar dos séculos e com a modernização, os mitos foram ganhando conotação infantil. Surgiu dentro do mito a superstição. Mas precisamos entender que o mito não é uma história qualquer contada para crianças. O mito tem seu fundo de verdade e tem sempre algo para ensinar. Não importa o tempo exato em que tenha acontecido, o mito é atemporal. O leitor é quem vai viajar através do tempo para vislumbrá-lo. Numa viagem pelo tempo, percebem-se as várias fases do poder do mito. Na Grécia antiga, a sua função era permitir o conhecimento de determinadas realidades sobrenaturais; nas sociedades modernas, ele surge como uma forma de retorno às origens; na atualidade, os modelos de mitos estão expostos nas mídias. Os deuses mitológicos e as figuras folclóricas estão presentes nas histórias diárias, encarnando os ideais da sociedade, fácil de encontrá-los nos programas infantis de super-heróis. Ainda na atualidade, o mito vem disfarçado em outros gêneros literários, despertando, no leitor, ideias e percepções como se estivesse dentro da trama, e esse resgate, para dentro do tempo e do acontecimento, é o próprio mito que se manifesta.

Entretanto, o foco desse trabalho foi o mito de Inês de Castro. Essa história vem sendo recontada há centenas de anos, e suscita dúvidas. Em algum momento, talvez, tenha sido

confundida com uma ficção, mas, a história é “verdadeira” e virou um mito por despertar o ideário daqueles que chegam a ter conhecimento dela. Além das narrativas comuns à perpetuação do mito, a história de Inês passou a compor obras da literatura portuguesa inicialmente, e, por conseguinte, se espalhou pela Europa, sendo compilada em outros idiomas e ganhando novas versões. O mito literário é responsável por essa disseminação continental, isso porque a literatura é capaz de prolongar a narrativa mítica. Podemos afirmar que há uma relação entre a literatura e o mito, corroborando com a ideia de Seleprin (2016) que, em suas palavras, escreve: a literatura e o mito se aproximam pela propriedade de poder fazer com que o leitor saia de um tempo pessoal e histórico e entre num tempo imaginário.

Mas o mito vem a cada dia se tornando mais profano. A humanidade perdeu a sensibilidade de discernir entre o sagrado e o profano. A literatura é quem tem se encarregado de, através de sua plasticidade estética, nos transportar para tempos indeterminados, fazendo-nos viver e sentir de maneira atemporal. É através da leitura literária que temos a liberdade de interpretação. Ela não dita o certo ou o errado, o hoje ou o ontem, nem o amanhã. Ela simplesmente nos conduz, nos persuade e, em alguns casos nos modifica. Tudo vai depender da experiência com o material lido e por que não dizer, vivido. Assim, concordando com Eagleton (2001), podemos dizer que a definição de literatura é interpretativa, vai depender da maneira pela qual a pessoa decide ler e não pelo que está sendo lido.

Através da literatura, podemos ter contato com o que há de mais sublime nas paixões. Independente do lugar onde é produzida, a literatura traz a história de um povo, seu heroísmo, e suas virtudes e paixões. Assim é a literatura lusitana. Portugal foi palco de uma história de amor e tragédia, fatos que, por séculos, vêm sendo recontados, trazendo imaginação e saudosismo ao leitor. As historiografias não se apresentaram, com tanto furor, quanto à infeliz história de Dona Inês de Castro e D. Pedro I. Talvez não seja necessário, mas devemos nos lembrar que esse Pedro I não é o Pedro que veio ao Brasil. Aquele viveu alguns séculos antes. O responsável por essa personificação de uma Inês doce, frágil e, simplesmente, vítima foi Luís Vaz de Camões, que, na sua epopéia *Os Lusíadas*, descreve o episódio inesiano.

Falar em Camões é como recordar automaticamente de *Os Lusíadas*. A obra carrega a marca de seu autor. Essa é a grande característica da literatura. Assim seguindo o pensamento de Pereira (2017), podemos concordar que a literatura tem a capacidade de juntar diversos conhecimentos e traçar a história de um povo, sem se desvencilhar da ideia predominante da época em que foi concebida. A obra de Camões obedeceu aos ideais da época, ela é uma obra de final trágico, típico das obras do século XVI.

Camões deu a Inês o mesmo sacramento dado por D. Pedro. Ele descreve uma vítima do próprio amor e temerosa da ausência dos filhos, sem jamais temer a morte, porque, para Inês ficar distante de Pedro e de seus filhos já se configurava a própria morte. Para Santos (2005), a situação de Inês era semelhante a de muitas mulheres de sua época, por não ser casada com Pedro, ela era desvalorizada. No período medieval as mulheres não representavam nada diante da política, porém quando casadas tinham suas influências que não transpunha as paredes de sua casa. Então como explicar a ameaça que Inês representou ao Rei senão por sua desobediência. A testemunha oficial da vida de Inês seria o próprio Pedro, mas sendo ele agente e protagonista, seu testemunho seria repleto de parcialidades. Ele descreveria apenas o que achasse importante e conveniente.

A história de Inês e Pedro é contada com grande glamour, e alguns acontecimentos como a última conversa de Inês com Rei nos parece vir cheia de romantismo, sugerindo já ter sido modificada pela lenda. Outro acontecimento que não se pode comprovar devido às praxes da época é a presença dos três conselheiros para matarem Inês. Isso porque Inês foi decapitada, a literatura propagou as cenas das espadas, punhais e estocadas, no entanto, Fernão Lopes não descreveu a forma de execução, o que pode ter ocorrido foi uma interpretação equivocada da história escrita nas primeiras fontes, “O chronicon alcobacense<sup>7</sup>”, “O livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra”, e o “Terceiro Livro da Linhagem”.

Do mesmo modo, a história do castigo aos conselheiros-carrascos apresenta indícios de que já sofreu interferência na interpretação do episódio. Esse relato está nas crônicas de Fernão Lopes e na crônica do espanhol Pedro Lopez Ayalla. E é provável que, no século XV, essas histórias já tenham ganhado uma roupagem de lenda, o que traz essa sobrecarga nos fatos reais. (CAVALIERE, 2004)

Ademais, Oliveira (2007) nos dá uma visão da realidade dos cronistas medievais quando nos deixa claro que havia uma dependência em relação aos cronistas medievais por parte de quem pretenda conhecer melhor as biografias de D. Pedro e de D. Inês de Castro, a Fernão Dias. Isto porque ele foi o grande historiador que escreveu primeiro sobre a história de Inês e Pedro. A primeira narrativa de fato cronística sobre o caso veio a público pela mão do castelhano Pero López de Ayala, na sua “Crónica de Don Pedro Primero”, composta no século XIV. Nesta crônica, a causa da morte de Inês é descrita por outro motivo, Ayala explica que o Rei soube do casamento secreto de Inês e D. Pedro.

---

<sup>7</sup>História cronológica e crítica da Real Abadia de Alcobça

Corroborando com essa outra versão da história de Inês, Silva (2000) descreve uma Inês à frente de seu tempo, que lutou pelo seu reconhecimento, desobedeceu bispos e o Rei, e se tornou uma ameaça política, não pelo fato de ter filhos com o príncipe, mas por ser um novo modelo de mulher que se opõe às regras e praxes da sua época. Oliveira (2007) ainda acrescenta que a vida de Inês teria, como principal testemunha, apenas o jovem Pedro. Descrever Inês é, por certo, uma tarefa difícil, visto que sua história ganhou ares de lenda, tornando-se mito a cada vez que foi recontada ou reescrita.

O romantismo de Camões não se importa com a moralidade de Inês, ou com o mal-estar causado pelo seu relacionamento com Pedro. Ao utilizar-se de Vasco da Gama para contar a história de Portugal, ele ocupou-se em retratar a tragédia do amor. Inês de Castro é um mito. Não há dúvidas de que sua história é uma fonte de inspiração e ensinamentos, e, como todo mito, traz um ensinamento em suas entrelinhas. Camões foi feliz ao introduzi-lo na sua obra *Os Lusíadas*, pois além de dar a história o lirismo, tornou-a conhecida ao mundo.

## 7. CONCLUSÃO

A história de amor que marcou Portugal, de fato, foi o romance de Inês de Castro e D. Pedro. O casal de jovens amantes teve sua historiografia recontada por diferentes escritores e cronistas, no entanto, só ganhou papel de destaque na literatura portuguesa com a publicação de *Os Lusíadas*, no ano de 1572, escrito por Luís Vaz de Camões. A obra de Camões pode se dizer que não é um monólogo, que se atém a um único ponto de vista, dado que ele dá vozes às personagens.

Camões buscou recontar a história utilizando-se dos recursos da época. Ofertou um tom romântico à tragédia de um amor interrompido pela brutalidade de um povo impiedoso que não concordava com o idílio entre a jovem e o príncipe. Para conservação dos padrões das obras renascentistas, ele não se ocupou em descrever questões políticas ou desavenças familiares entre Pedro, seu Pai, e D. Constança, a esposa de Pedro. A história, através dos olhos de Camões, é repleta de beleza, harmonia, doçura, capaz de causar impressões a qualquer leitor que se ocupe a ler e aprofundar-se nos textos da epopéia. Mas não fugiu aos protocolos renascentistas: a história teve um final trágico com a morte de Inês. No entanto, a fala de Inês, na sua súplica por sua vida, se immortalizou e fez de Inês um símbolo feminino da literatura universal.

Este trabalho cumpre dizer, teve algumas limitações, a exemplo dos anos de publicação das literaturas pesquisadas e analisadas. Infelizmente existem pouquíssimos textos



atuais, assim, nos sentimos obrigados a utilizar literaturas com mais de dez anos de publicação. Porém este trabalho poderá servir de fonte de pesquisa para pessoas que venham a ter interesse pelo texto de *Os Lusíadas*, especialmente, pelo episódio de Inês de Castro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, Maria Manuel. Símbolo, metáfora e mito na comunicação intercultural. **CECS-Publicações/eBooks**, p. 171-177, 2018.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. Brasiliense, 2017.
- CAMÕES, Luís de; PESSOA, Fernando; QUER PASSAR ALÉM DO BOJADOR, Quem. O velho do Restelo, Inês de Castro Análise dos Cantos III e IV de Os Lusíadas. 2001.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do mito**. Ed. Palas Athenas. São Paulo. 1990.
- CAVALIERE, MAURO. A relevância do argumento histórico na Castro de A. Ferreira. **Historia**, v. 1, p. 143-152, 2004.
- CONTEMPORANEIDADE, Inês de Castro na. **“O caso triste e digno de memória que do sepulcro os homens desenterra”:(re) leituras de**. 2015. Tese de Doutorado. PUC-Rio.
- CRISTÓFANO, Sirlene. O amor trágico entre D. Pedro e Inês de Castro: o diálogo entre a literatura portuguesa e a história do povo lusitano. **Revista História & Perspectivas**, v. 25, n. 46, 2012.
- DOS SANTOS SILVA, Débora; DOS SANTOS GOMES, Cícera Maria; TIMOTEO, Emidia Inacio. A Religião e suas manifestações: uma análise freudiana. **Id on Line REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 10, n. 31, p. 163-169, 2016.
- DURAZZO, Leandro. RELIGIÃO E DISCURSO LÓGICO-CIENTÍFICO: HERMENÊUTICAS SIMBÓLICAS E IMAGINÁRIOS EM CONFLITO. **Último Andar**, n. 27, p. 72-83, 2016.
- EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra.[revisão da tradução João Azenha Jr.]. 2001.
- FERNANDES, Fátima Regina. As potencialidades da função de Aia na Baixa Idade Média. **Estudios de Historia de España**, v. 7, p. 77-96, 2017.
- FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**. Zahar, 2004.
- FONSECA, Cláudia. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, p. 69-89, 1995.
- FREITAS, Rossemberg da Silva; NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. A FACE DE LILITH EM INÊS DE CASTRO. **Revista Decifrar (ISSN 2318-2229)**, v. 3, n. 05, 2015.
- GONÇALVES, Luiz Davi Vieira; FERREIRA, Maryelle Morais. O HOMEM PRIMITIVO E A SUA CIÊNCIA: RELIGIÃO, MAGIA E OS FENÔMENOS NATURAIS NA ANTROPOLOGIA CLÁSSICA. **COnline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 19, 2016.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. OS PROTAGONISMOS DO CRUEL E DO CRU, ANTES DOS FAVORITOS DE FERNÃO LOPES E PERO LOPEZ DE AYALA. **História: Questões & Debates**, v. 41, n. 2, 2004.

JUNQUEIRA, Carmen. O poder do mito. **Revista Hypnos**, n. 6, 2015.

KREISCHER, Barbara Cecilia. SEGUNDO VASCO DA GAMA, UM RETRATO DAS RAINHAS PORTUGUESAS N'OS LUSÍADAS. **Anais do VIII SAPPIL-Estudos de Literatura**, v. 1, n. 1, 2017.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Discurso sobre a história da literatura do Brasil. **Translusofonias-Revista de Estudos Comparativistas Lusófonos (RECOL)**, v. 1, n. 1, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. Editôra Cultrix, 1998.

NEVES, Sofia. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 609-627, 2007.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Eros e Tanatos no universo textual de Camões, Antero e Redol**. Annablume, 2000.

DE OLIVEIRA, António Resende. As vidas de D. Pedro e de D. Inês de Castro na historiografia medieval portuguesa. **Maria do Rosário FERREIRA, Ana Sofia LARANJINHA e José Carlos Ribeiro MIRANDA (éd.), Seminário Medieval**, v. 2008, p. 113-125, 2007.

PEREIRA, Rubens Alves. CEGO DE TANTO VER: CAMÕES E SEU PEITO ILUSTRE LUSITANO. **A Cor das Letras**, v. 1, n. 1, p. 113-127, 2017.

PRITSCH, Eliana Inge. A Índia portuguesa: mito e realidade em Os Lusíadas. **Ciências & Letras**, n. 48, 2011.

RIBEIRO, Rondinele Aparecido. O Mito Inesiano na Literatura Portuguesa: uma análise na produção poética de Eugênio de Castro e Miguel Torga. **Letras Escreve**, v. 6, n. 1, p. 376-391, 2016.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. Brasiliense, 2017.

SANTOS, Ana Margarida Amaro Ferreira dos. Inês de Castro: o tema inesiano na historiografia romântica. 2005.

SELEPRIN, Maiquel José. O mito na sociedade atual. 2016.

SILVA, Samuel. Um mito português que é afinal de todo o mundo. **Sinais de Cena**, p. 106-108, 2017.

SILVA, Geysa. O mito de Inês e a visão do século XIV. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, v. 20, n. 27, p. 285-299. 2000.

SILVA, Ana Rosa Cloquet da; MANCINI, Silvia. A abordagem histórica nos estudos de religião: ambiguidades estruturais e desafios contemporâneos. **Reflexão**, v. 42, n. 2, p. 145-152, 2018.

SLAVUTZKY, Abrão. A neurose é um mito. **Psychê**, v. 6, n. 10, 2002.

SODRÉ, Paulo Roberto. HUE, Sheila Moura (Org.). Antologia de poesia portuguesa. Século XVI: Camões entre seus contemporâneos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004. 176 p. **REEL-Revista Eletrônica de Estudos Literários**, n. 01, 2005.

VIANA, Nildo. Mito e Ideologia. **Revista Cronos**, v. 12, n. 1, 2013.